

Arqueologia de Elvas

Notícia preliminar

Parecer apresentado na sessão da 2.^a Sub-Secção da 6.^a Secção
da J. N. E. de 17 de Dezembro de 1949 ⁽¹⁾

Pelo

DOUTOR MANUEL HELENO

Professor catedrático da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnológico

As antiguidades, a que este parecer se vai referir ⁽²⁾, distribuem-se à volta da Colónia Penal de Nossa Senhora da Conceição, de Vila Fernando, a qual dista, aproximadamente, 15 km. da cidade de Elvas, para o lado de ENE., numa zona câmbrica, de calcáreos e xistos, com altitudes, em regra, de 400 a 700 metros. Cortam-na vários afluentes e ribeiras do Guadiana, entre elas o Caia, em cujos terraços, o Eng. Lerenó Antunes encontrou abundante paleolítico antigo (acheulense), de que existe boa representação no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos.

Pois foi nesta região que o falecido António Luís Agostinho e o Sr. António Dias de Deus realizaram, nos últimos anos, com interesse e cuidado, mas sem os conhecimentos técnicos requeridos, extensas escavações, que incidiram sobre os dólmenes locais, sobre um campo de urnas na Herdade da Chaminé, sobre uma *villa* romana nesta mesma herdade e

⁽¹⁾ No dia 31 de Agosto de 1949 informou-me o Ex.^{mo} Vice-Presidente desta Sub-Secção do seguinte: «O Arquitecto Raul Lino (na qualidade de Director dos Monumentos Nacionais) comunicou-me que apareceu perto de Elvas uma estação romana, com mosaicos valiosos. Tomei a liberdade de te nomear relator do processo. Vais pois receber os documentos que o constituem».

Como se vê, a intervenção do Estado nas escavações, que à data se faziam nos arredores de Vila Fernando, deve-se exclusivamente ao zelo das entidades acima mencionadas.

⁽²⁾ Destas demos também notícia numa entrevista ao «Diário da Manhã» de 29 de Janeiro de 1950, que porém saiu com muitas incorrecções.

na confinante do Carrão e sobre necrópoles dos fins do Império Romano e princípios da Idade Média, nas herdades já citadas e na Terrugem.

Com o estudo do material aproveitável e com as informações do Sr. António Dias de Deus procurarei dar uma ideia das referidas estações, e do seu valor arqueológico.

A) DÓLMENES :

Foram explorados 20 dólmenes, assim distribuídos: 3 na herdade de Jenemigo (Campos), 2 na de Vila Fernando, 1 na do Barrocal, 1 na de Alcarapinha, 1 na da Sobreira, 2 na de Serrones, 1 na do Carrão, 4 na de Torre das Arcas, 1 na da Chaminé, 1 na do Carvão, 1 na de Valbom, 1 na da Capela, 1 na do Peral.



Fíbulas da necrópole da Chaminé

O seu espólio encontra-se, na maior parte, em Coimbra, na posse da viuva de António Luís Agostinho e em certa confusão ⁽³⁾.

Por falta de um Diário de Escavações, de fotografias, plantas e cortes, torna-se difícil fazer o estudo individualizado destes monumentos, alguns já destruídos. Direi, no entanto, que o seu espólio antropológico, de que nada resta, era digno de melhor destino.

Na anta de Alcarapinha, que se encontrava intacta, acharam-se 7 crâneos, parecendo que os corpos, a que eles diziam respeito, tinham sido dobrados para o centro. Na anta da Chaminé, exumaram-se 3 crâneos. Aqui as ossadas dispunham-se em sentido vertical: primeiro o crâneo, depois

⁽³⁾ Foi posteriormente adquirido para o Museu do Palácio Ducal de Vila Viçosa.

a coluna vertebral, indicando que os mortos tinham sido colocados sentados. No dolmen de Torre das Arcas, havia um esqueleto sem cabeça, etc.

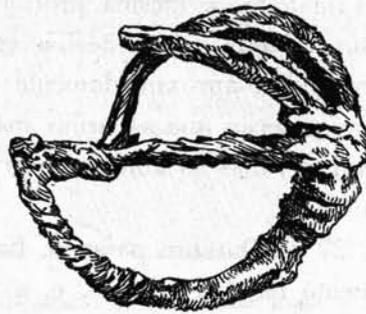
Embora possam ter-se dado erros de observação, é, no entanto, digna de registo, por excepcional, a riqueza antropológica dos espólios dos referidos monumentos, infelizmente perdida.

Também a colecção de placas antropomorfas é importante, mas, por falta de elementos, nenhuma ligação se pode estabelecer entre elas e a arquitectura dos dólmenes.

B) CAMPO DE URNAS DA CHAMINÉ:

Fica 70 metros ao Norte do monte do Carrão, mas já na herdade da Chaminé. Foi encontrado casualmente, quando se fazia uma plantação de oliveiras, e explorado pelo Sr. Dias de Deus.

Ocupa uma mancha de terra negra, levemente ondulada, com a superfície de 1.200 metros quadrados, aproximadamente.



Fíbula da necrópole da Chaminé

Nas escavações, que se fizeram, puderam observar-se os seguintes tipos de enterramento:

- I — Campo de urnas;
- II — Amontoados de pedras, com incineração *in loco* (*ustrinum*), cerâmica romana, entre a qual *terra sigillata*, alguma com marca figulina;
- III — Sepulturas de pedras, de forma rectangular ou trapezoidal.

Trata-se, pois, de uma necrópole com larga duração, talvez de 500 a. de C. aos princípios da Idade Média. O seu âmbito excede em muito a necrópole de Miraveche (Espanha), que só abrange do século VI ao III a. de C.

Analisemos o seu conteúdo:

I—*Campo de urnas* — Encontraram-se mais de duzentas urnas, as quais se apresentavam:

- a) Metidas entre pedras dispostas em volta, à maneira de calços;
- b) Envolvidas em simples terra, com uma pedra em cima, o que aliás se observava também em quase todos os outros tipos de enterramento;
- c) Metidas numa caixa quadrada, feita de quatro lages.

Todas as urnas tinham, ou dentro ou fora, o prato que as cobria e duas delas assentavam sobre um outro muito grosso.

As urnas não estavam todas à mesma profundidade, havendo-as até sobrepostas. As mais superficiais acharam-se a cerca de 30^{cm} do nível do terreno; as mais profundas, aproximadamente a 50^{cm}.

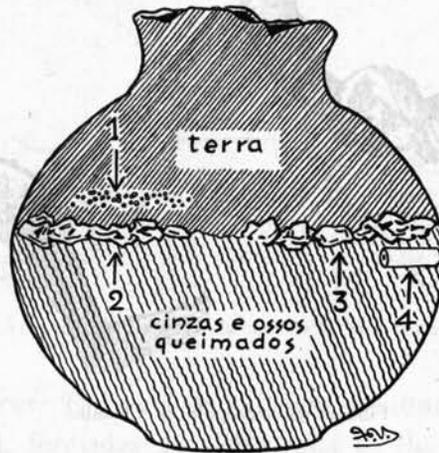
Ao Sr. António Dias pareceu que as urnas mais grosseiras se encontravam a maior profundidade, mas as minhas observações, no terreno, não comprovaram aquela opinião.

Com efeito, no dia 27 de Outubro passado, fiz com o mesmo Senhor um pequeno reconhecimento na dita estação, e, a 15^{cm} de profundidade, encontrámos a boca de uma urna de barro grosseiro, grande e de gola curta, com as seguintes dimensões: Larg. 0^m,236; alt. 0^m,23; diâmetro da boca 0^m,113. Estava assente na terra, calçada com pedras e fôra tapada com um prato que se apresentava partido (4). Existia, pois, barro grosseiro à superfície. Situar-se-iam as formas semi-esférica e sub-cilíndrica em nível inferior?

(4) Aberta posteriormente no Museu Etnológico, esta urna continha: na parte superior esferazinhas de barro do tamanho de bagos de chumbo; ao meio uma conta cilíndrica de mármore com o compr. de 31 mm. e o diâmetro de 9 mm. e uma cobertura de cacos; por debaixo, na metade inferior, ossos calcinados e uma conta de osso queimada, conforme figura da página seguinte.

As urnas são ou de barro negro grosseiro ou de barro avermelhado polido, e apresentam-se com as seguintes formas:

1. Semi-esférica, com pequena protuberância a fazer de aza;
2. Sub-cilíndrica;
3. Acampanuladas;
4. De perfil em S;
5. Ovoides;
6. Bi-tronco-cônica de boca larga;
7. Esférica de colo variável;
8. Ventruda com pequena gola.



- 1 — Esferazinhas de barro, como bagos de chumbo.
- 2 e 3 — Camada de cacos.
- 4 — Conta de mármore.

No maior número, o bôjo equilibra a altura; mas há casos em que a excede (18^{cm} de alt. \times 24^{cm} de bôjo; $20^{\text{cm}} \times 27^{\text{cm}}$; $13^{\text{cm}} \times 19^{\text{cm}}$, etc.).

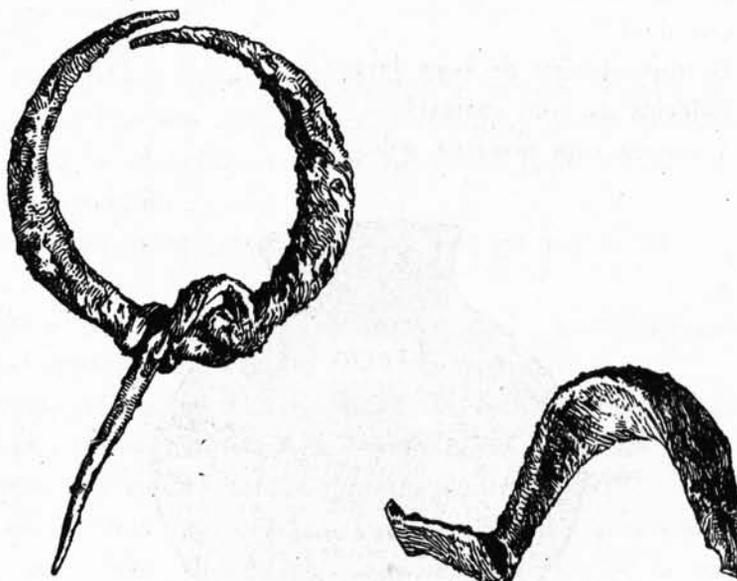
O pescoço varia entre 10^{cm} e 22^{cm} de altura, e a boca entre 9^{cm} e 24^{cm} de diâmetro.

A maior parte das urnas são lisas. Raramente se apresentam decoradas e, neste caso, ou com mamilos e torcido em relevo em volta do bôjo, ou com decoração incisa, formada por cercadura de triângulos de bases opostas, cheia de tracejado.

Também se encontraram fragmentos de uma urna pintada, com semi-círculos concêntricos, no estilo da cerâmica ibérica de Andaluzia.

Naqueles observam-se nítidos sinais da roda de oleiro.

Os pratos, que tapavam as urnas, são de barro de qualidade variável, uns de forma de tijela (tronco-cônicos), outros com as paredes abaúladas e fundo em chávena. Quase todos têm dois orifícios no bordo.



Fibulas da necrópole da Chaminé

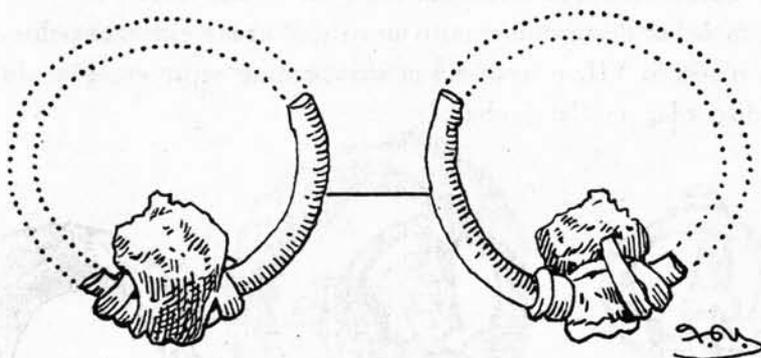
Estas características parecem revelar uma amálgama de influências, nas quais se encontrariam representadas:

- a) As da cerâmica tradicional, vinda da época do bronze;
- b) A do povo dos túmulos, com o retorno de uma cerâmica campaniforme muito degenerada;
- c) A do povo do campo das urnas, já de si também sem unidade;
- d) A dos Iberos do SE. de Espanha, mas já em época muito tardia.

Continham as urnas cinzas, ossos calcinados, fíbulas ou pedaços destas, fivelas, fragmentos de bronze com incrustações de prata, cossoiros decorados com pontilhado ou pequenas cavidades, facas afalcatadas, contas de âmbar e algumas de pasta vítrea (estas só em três urnas).

Em torno delas havia também material; mas, neste caso, a urna mais próxima não o continha. Entre ele, salientarei um punhal de antenas, de ferro, dobrado como os da necrópole de Alcácer do Sal, com o comprimento total de 0^m,44 e de empunhadura 0^m,10 e largura máxima da folha 0^m,05. Estava encostado a uma urna.

II — *Amontoados de pedras*: Juntamente com as urnas encontravam-se amontoados de pedras e telhas curvas romanas, e por debaixo *tegulae*. Num deles, à profundidade de 1^m, vestígios de incineração, uma moeda ilegível, um elegante unguentário e oito vasos, alguns dos quais de *terra sigillata* estampilhada (⁵).



Fragmento de fibula da necrópole da Chaminé

III — *Sepulturas*: Também ali existiam sepulturas de formas rectangular e trapezoidal, formadas de pedra solta ou de lages de cutelo, com ou sem fundo e tapadas com tejos ou telhas. Orientavam-se de Leste para Oeste, e continham um ou mais esqueletos, colocados de lado. Junto contas amarelas, fivelas, anéis, um com SS, vários brincos e uma vasilha apenas.

*
* * *

Sem uma exploração científica do que ficou desta necrópole, estudo minucioso dos seus ritos e relação do material com os depósitos que o continham, nenhuma interpretação segura se pode fazer da mesma. Ajuntaremos, contudo, provisoriamente algumas palavras.

(⁵) Não puderam ler-se as marcas, por estarem gastas.

Grande confusão lavra sobre os problemas etnológico e cronológico da 1.^a Idade do ferro. Numerosas teorias — as de Gimpera, Pokorny, Olalla, Rademacher, Vilaseca, Almagro, etc., — procuram explicar a questão da origem e causa e época do deslocamento do povo das urnas.

Para uns são Celtas, para outros Ilíricos, para outros Lígures, para outros mescla de povos. Segundo uns, vieram de uma só vez; segundo outros, em invasões sucessivas. Para uns, 1.000 a. de C.; para outros, em 600.

Últimamente Haukes parece ter chegado a resultados mais positivos. A expansão dos campos de urnas seria motivada pela invasão dos Cimérios, povo de cavaleiros, que Heródoto situa no século VII.

Visto à luz desta doutrina, o povo das urnas entraria pelos Pireneus durante o século VII, e teria a sua mais antiga representação, do que Almagro discorda, na Catalunha.



Fivela e fíbula da necrópole da Chaminé

Uma invasão posterior — a dos Celtas — traria o punhal de antenas no século VI.

Se agora relacionarmos a cerâmica da necrópole da Chaminé com a dos outros campos peninsulares e verificarmos que ela se aproxima da de Mola e, sobretudo, de Anglés e Can Missert, se tivermos presente que ela parece mais moderna que a cerâmica de colo alto de Alpiarça, concluiremos que a estação, que a contém, deve datar da última fase da cultura dos campos de urnas, isto é, do século V. Esta cronologia é confirmada pelas fíbulas lá encontradas, as quais se apresentam com as características dos finais do Hallstat e princípios de La Tène — mola bilateral e pé erigido e terminado em campânula, tipo este que se encontra também na necrópole de Alcácer do Sal, datada do século IV. Dada porém a raridade

do punhal de antenas na necrópole da Chaminé e a sua frequência na de Alcácer do Sal, deveremos recuar a antiguidade daquela. Deste modo poder-se-á atribuir a estação aos *Cempsi*, já representados em Alpiarça, e aos seus continuadores — os *Celtici*, de que falam os escritores da antiguidade.

Isto explicaria a existência do punhal de antenas junto de uma urna, o que aliás também se observou na estação de Capsec.

A vida desta necrópole não se extinguiu em tal época. Restos de uma urna ibérica, de tipo andaluz provam a sua continuidade no século III; e sepulturas de incineração com *terra sigillata* gaulesa, a sua persistência nos séculos I e II da era cristã; e, da mesma forma, inumações colectivas em sepulturas rectangulares com fivelas do tipo visigótico, brincos e anéis, a sua conservação nos princípios da Idade Média.



Artefacto de ferro da necrópole da Chaminé

Deste modo, no local se teriam feito enterramentos durante cerca de 900 anos, embora com interrupções (do século V a. de C. ao VI da era cristã).

Porém, só uma escavação rigorosa do resto da necrópole poderá dar a verdadeira chave da parte explorada.

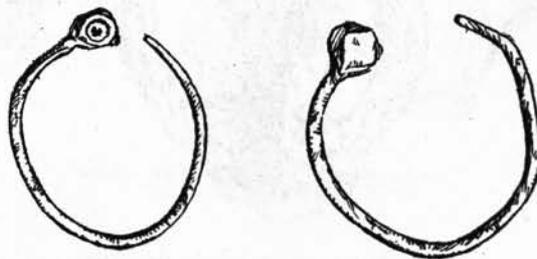
C) «VILLA» ROMANA DO CARRÃO

Junto do monte do Carrão, poucos metros ao Nascente, existem restos importantes de uma *villa* romana.

Tive dela conhecimento em 1939, quando, na companhia do Rev.^{do} P.^e Henrique Louro, percorri a região. Pensei mesmo em explorá-la em 1945, obtendo para isso a promessa de pessoal gratuito da Colónia Penal de Vila Fernando, mas outros serviços mais urgentes se antepuseram. Antecipou-se o Sr. António Dias de Deus, que, em 1948 e 1949, pôs, no todo ou em parte, a descoberto seis mosaicos de boa técnica, policromos, na grande maioria geométricos. Como, porém, aos mesmos faltou guarda e resguardo e a sua sub-estrutura estava, em grande parte, apodrecida, arruinaram-se alguns e um perdeu-se ⁽⁶⁾.

Convirá, no entanto, dar em relance uma ideia deles:

1) Mosaico a vermelho, amarelo e branco e azul muito escuro, com circunferências inscrevendo vários motivos: trevos, entrelaços, estrelas, cruz, flores, etc. No centro, dentro de um quadrado de encordoado, uma figura de mulher sobre burro ou muar, com o corpo lançado para a garupa, e uma das mãos segurando a rédea. Tratar-se-á, possivelmente, de Epona, divindade gaulesa.



Alfinetes da necrópole da Chaminé

2) Mosaico a vermelho e cor de rosa, muito delicado, com círculos dentro de figuras geométricas.

Destruído depois de destapado.

(6) Em 25 de Nov. de 1949 instei com o Sr. Ant.^o Dias de Deus para «mandar cobrir bem os mosaicos, sem o que — acrescentava eu — o Inverno os liquidará. O ideal seria colocar-lhe uma camada de areia de rio de 10^{cm} de alt. por cima, sobrepor-lhe um taboado e cobrir por fim este com 20^{cm} de altura de terra local».

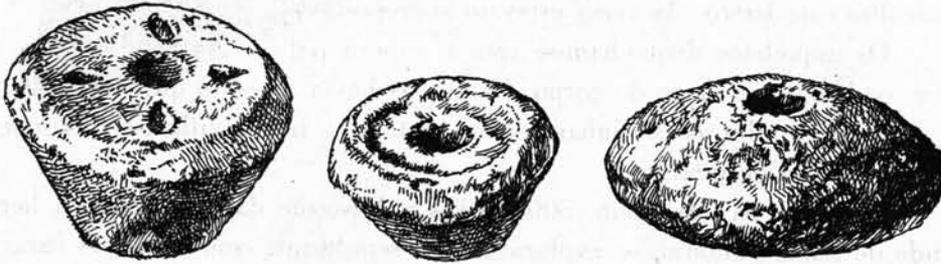
Se estas precauções não foram tomadas, a *villa* muito deve ter sofrido; e, neste caso, mais valia não a ter escavado.

3) Mosaico com *tessellae* de várias cores, um círculo ao centro e estrelas de quatro pontas.

4) Mosaico cheio de circunferências, tangentes ou secantes entre si. As amarelas tangentes às amarelas e secantes com as vermelhas. No centro círculos concêntricos.

5) Mosaico valioso e de trabalho delicado. Numa parte, estrelas de quatro pontas, cantonadas por entrelaços; noutra, circunferência inscrevendo uma roseta; noutra, arcos. Aos cantos vasos de flores.

6) Mosaico com circunferências de várias cores. Coberto.



Cossoiros da necrópole da Chaminé

A *villa* prolongava-se para a vizinha herdade da Chaminé. Com efeito, junto de um poço, situado entre os montes do Carrão e da Chaminé, 400 metros ao Poente desta e a cerca de 50 metros do campo de urnas, pôs o Sr. Dias a descoberto mais três salas, possivelmente de termas. De uma espécie de entrada, com pavimento em mosaico decorado com bolotas, mas já muito destruído, passava-se a outra divisão toda pavimentada a mosaico, e com um ralo de pedra, de forma de roseta, a um dos cantos. Na parte central, duas circunferências concêntricas de entrelaçado, entre as quais se distribuem cinco peixes, como que nadando. No restante, tranças e figuras geométricas, a amarelo, azul, branco e vermelho. Um compartimento semi-circular, talvez tanque, está ainda por explorar.

O conjunto que acabamos de descrever é, depois do de Torre de Palma e Santa Vitória do Ameixial, o mais importante conhecido do país, e deve merecer a atenção das entidades competentes.

O estilo dos seus mosaicos e as moedas de Constantino, ali achadas, indicam-nos que o desenvolvimento desta *villa* se deu principalmente nos séculos III e IV da nossa era, mas a existência de *terra sigillata* em abundância prova uma origem mais remota.

D) SEPULTURAS DA CHAMINÉ E TERRUGEM

Junto dos mosaicos da Chaminé, de que acabamos de falar, explorou o Sr. Dias 26 sepulturas trapezoidais e rectangulares, feitas de lages, e com a orientação de N. para S. Umas vezes tinham fundo de pedra, outras de cascalho com barro. Às vezes estavam sobrepostas.

Os esqueletos dispunham-se com a cabeça para o Norte, de costas e com os braços ao longo do corpo. Nalgumas havia mais do que um.

Estas sepulturas continham pouco material: três vazilhas e três moedas, uma de Constantino.

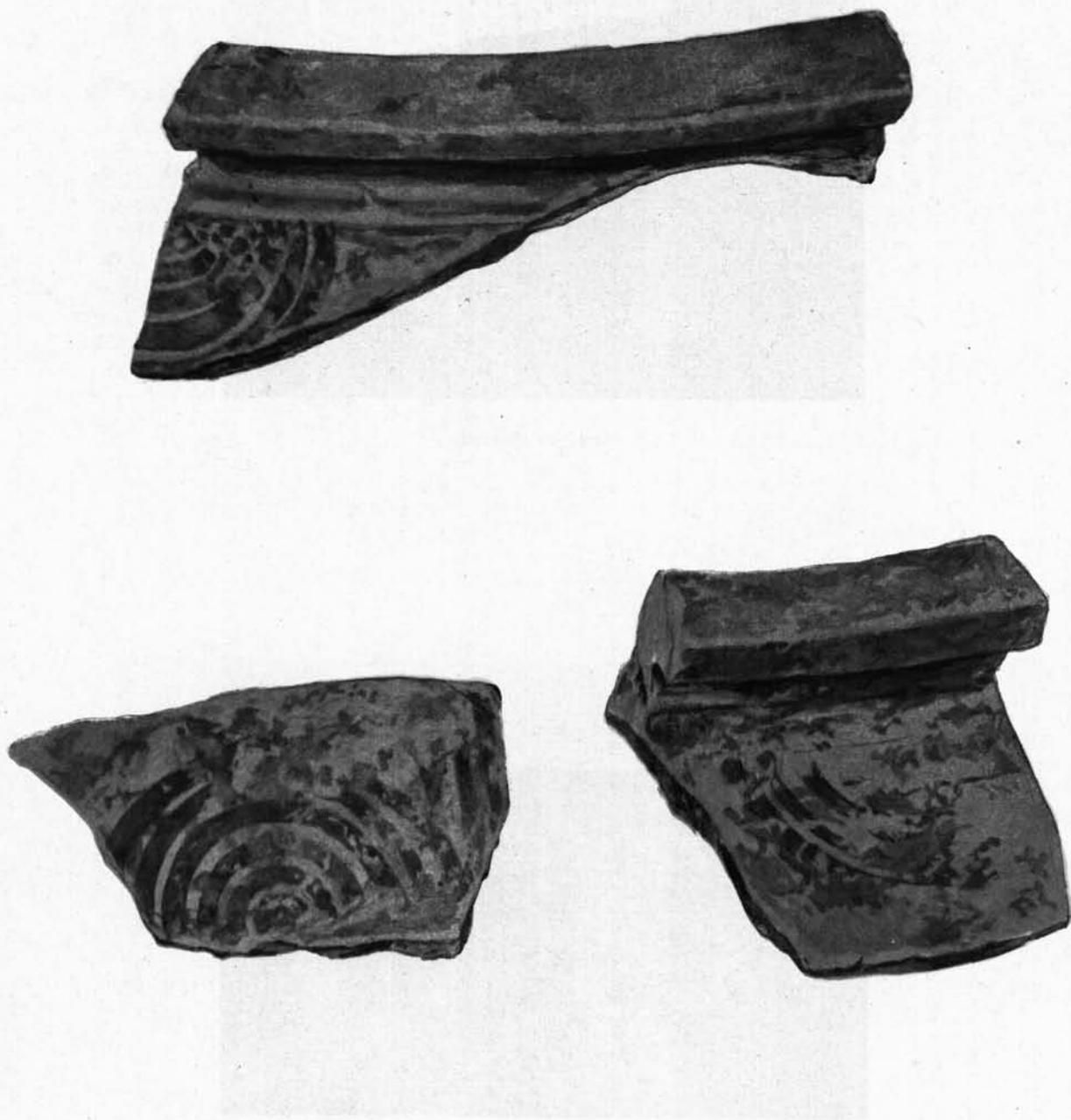
Também, na Terrugem, 500 metros a Nascente da povoação, na herdade de Santo António, se exploraram 30 sepulturas, com idênticas características. Aqui, porém, os mortos voltavam-se com a cabeça não só para o Norte, mas também para o Poente; e as sepulturas tinham de lado uma espécie de caixa, a servir de ossuário.

Numa encontrou-se uma colher com inscrição cristã, cuja letra se pode reportar ao século V d. C.

No local há restos de construções e aparecem muitos objectos da época lusitano-romana, o que aumenta o interesse da estação.

Pelo que temos dito, podemos concluir que se torna necessária a intervenção da 2.^a Sub-Secção da 6.^a Secção, no sentido de imprimir orientação científica às investigações a realizar nas estações descritas e evitar a destruição do que ficou e perda dos espólios (7).

(7) A insinuação que se fez numa revista estrangeira de ter o Director do Museu Etnológico sugerido a entrega a este do estudo das estações dos arredores de Vila Fernando não passa, como se vê, duma insídia.



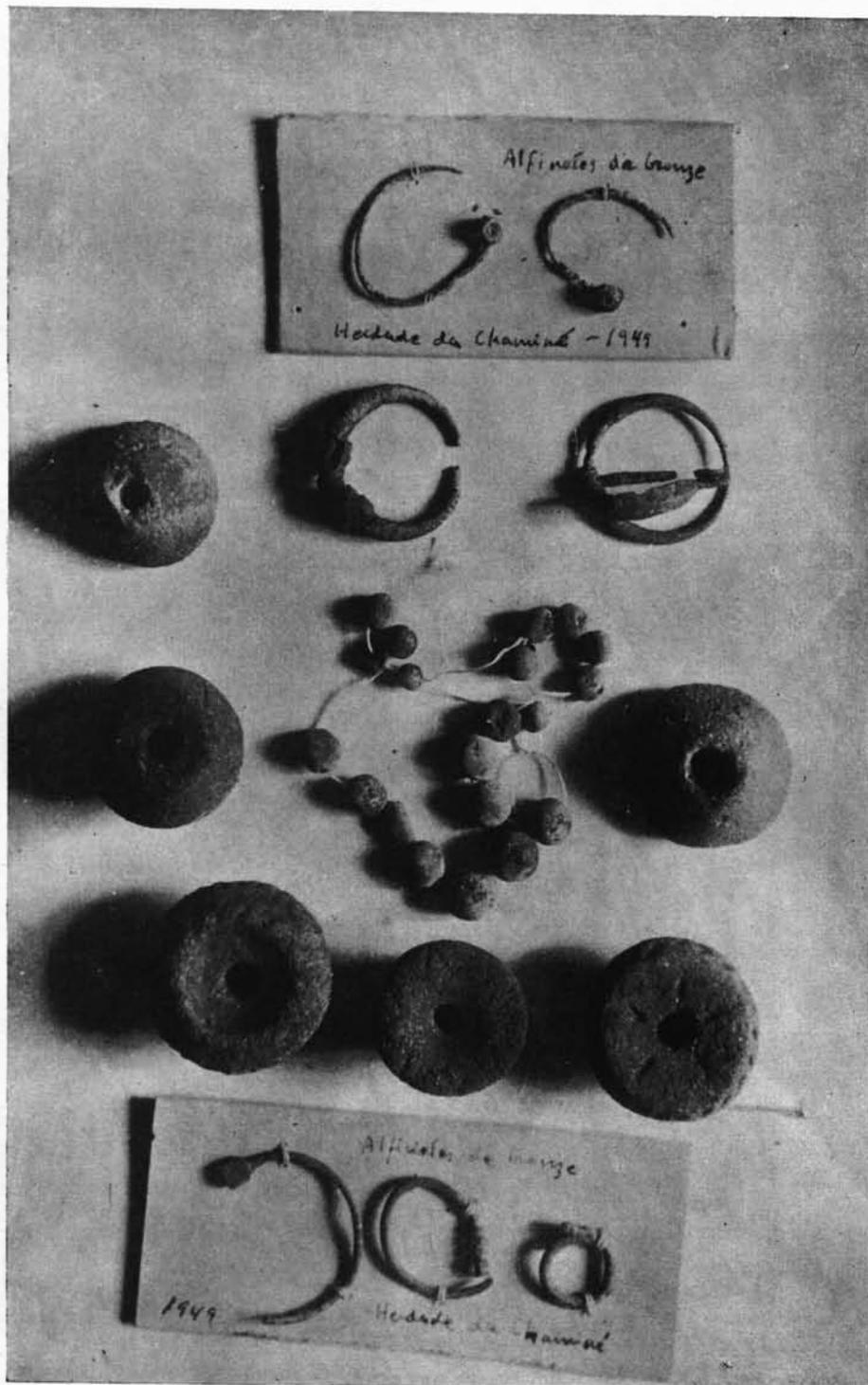
Fragmentos de uma urna ibérica da Chaminé.



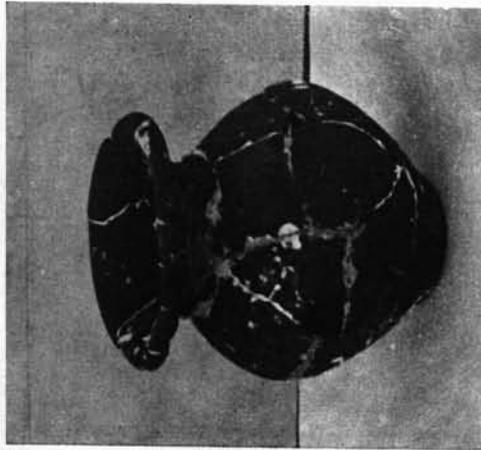
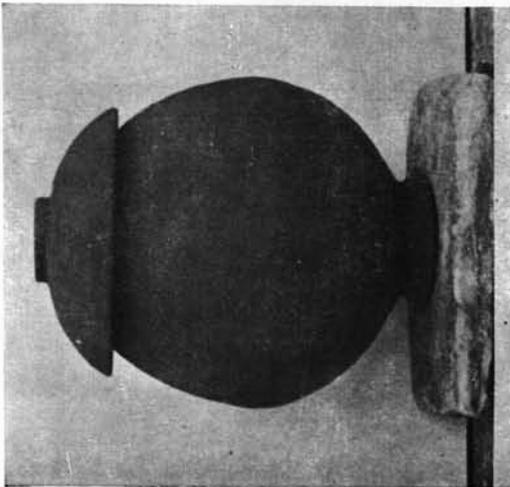
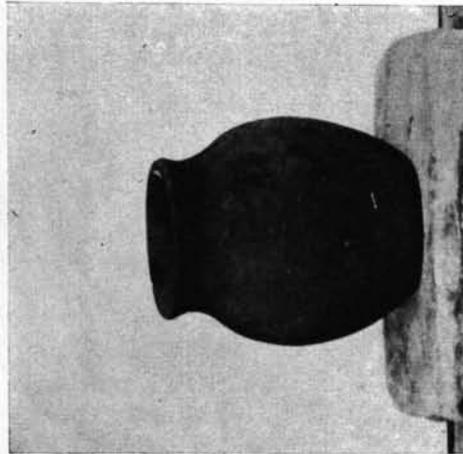
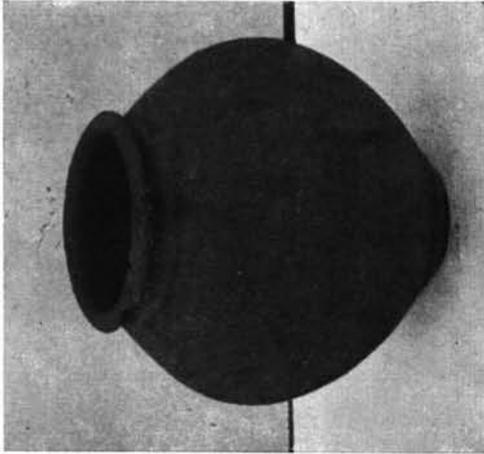
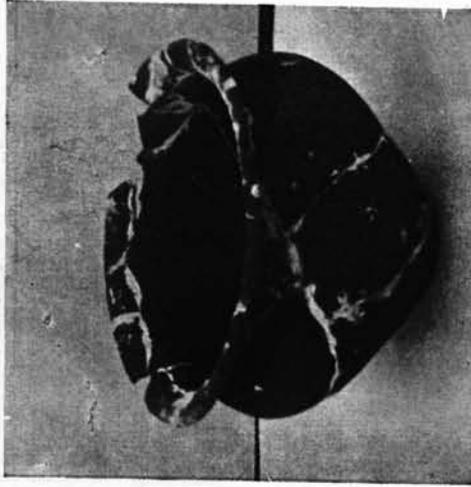
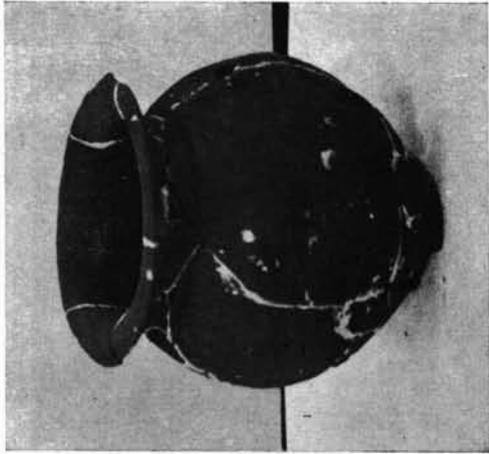
Herdade do Carrão.



Necrópole da Terragem.



Espólio do campo de urnas da Chaminé.



Urnas da Chaminé.



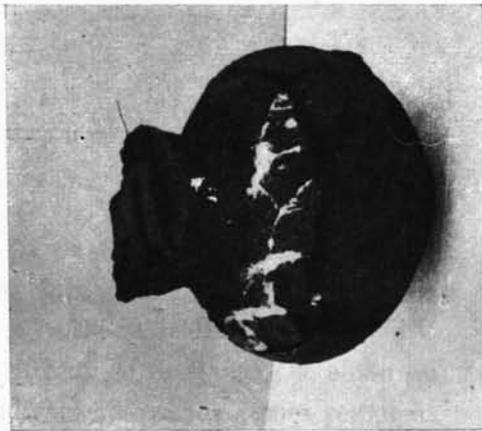
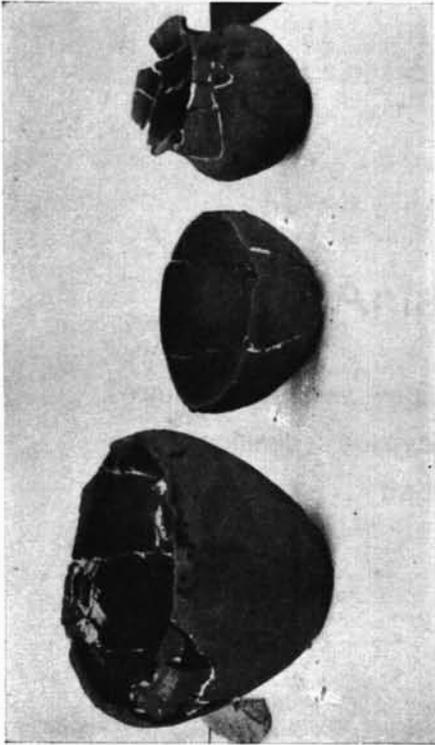
Campo de urnas
da herdade da
Chaminé.



Uma urna da
Chaminé *in situ*.



Cemitério
da Chaminé.



Urnas e punhal
de antenas
da herdade
da Chamimé.

